

EXPERIÊNCIA E RELATIVIDADE

*** Roberto Rodrigues**

Estamos terminando maio, mês apazível para a maioria dos agricultores do sudeste: a temperatura agradável do outono ajuda a amenizar o calor provocado pela ansiedade quanto aos resultados econômicos da safra de grãos que vai terminando ou da que vai começar, de cana, café ou laranja. Enquanto isso, no sul as perdas pela seca se acumulam, e no nordeste ainda é impossível calcular o desastre com as enchentes.

Mas é agora que os caboclos olham com atenção a florada das paineiras. Com sua própria experiência e a observação de gerações, vaticinam se vai chover bem ou mal na próxima estação: segundo dizem, quando há florada grande, é sinal de chuvas boas e fartas. Sem flor, sinal de seca...

Experiência... quanto vale isto? Qual o valor que os jovens atribuem ao profissional mais experimentado?

Lembro-me que, recém formado pela gloriosa “Luiz de Queiroz”, da USP, estava em uma reunião de engenheiros agrônomos quando surgiu uma discussão sobre um determinado tema que, por coincidência, dominava. Mas um colega “bem” mais velho, quarentão, manifestou opinião contrária à que eu tinha.

Aqui uma pequena digressão para tratar da relatividade: achei, à época, que aquele cidadão era velho. Quando meu pai completou 40 anos, eu tinha 11. E fiquei marcado por aquela data, com o sentimento da orfandade próxima: pensava que, tendo completado 4 décadas, meu pai morreria logo. Foi uma sensação muito ruim. Hoje, dois dos meus 4 filhos já são quarentões, e os vejo muito jovens. Tudo é relativo, e a sensação depende de onde e quando a gente se encontra na ocorrência dos fatos.

Muito bem, de volta à reunião agrônoma: acabei me envolvendo numa discussão sem fim sobre o tal assunto que conhecia bem, a coisa esquentou, juntou gente para ouvir, até que meu opositor, irritado, argumentou que tinha 20 anos de experiência e perguntou como poderia eu, com menos de 2 anos de formado, pretender contestá-lo.

O argumento me calou. Duvidei da minha certeza. Porque, de fato, a experiência dele o credenciava mais que a minha.

O ambiente estava pesado, e um veterano advogado, ex-diretor administrativo do Instituto Agrônomo de Campinas, Rui de Oliveira, me cochichou: “diga que a experiência é a soma dos fracassos”.

Não tive coragem de usar a ajuda, a discussão terminou e dei-me por vencido.

Mas a frase do sábio Rui me acompanha até hoje. De fato, ele dizia, quem toma um copo de água não ganha nenhuma experiência: a água vai logo embora; mas quem toma um copo de vidro moído, ganha cicatrizes dolorosas, e uma experiência inesquecível.

A grande lição que aprendi então é que a experiência não deve ser temida pelos mais jovens, e sim respeitada. Mais ou menos como com o soldado que volta do front mutilado, deformado, estropiado. Não se deve ter medo da sua feiúra degradante, mas sim respeito por quem defendeu a pátria e aos seus concidadãos com o risco da própria vida.

A experiência deve ser usada por aqueles que não a têm, como escudo que lhes evitem cicatrizes: aproveitar o que os outros viveram para não repetir seus erros é sabedoria que a juventude deveria ter.

Mas, na verdade, as gerações se sucedem repetindo os mesmos erros. Vai ser assim até o final dos tempos, cada um terá suas próprias escaras. Assim caminha a humanidade.

Resta conferir, no fim do ano, se choveu mais ou menos, de acordo com a florada das paineiras.

*** Coordenador do Centro de Agronegócio da FGV, presidente do Conselho Superior de Agronegócio da FIESP e professor de Economia Rural da UNESP/Jaboticabal**